

Editorial

Ciganos, deficientes, negros, mulheres.... Estas marcações parecem ter se tornado imprescindíveis para chamar à cena um alguém como nós; mas, também, um outro diferente de nós, ainda que construído pelo discurso colonial, a saber, como oposição entre o “nós” e o “eles”; e ainda o outro igual, ou seja, aquele que se inclui no enquadramento do nós, um outro igual chamado de diferente, submetido a um *modus vivendi*. Esse outro, que acaba por ser admitido no espaço democrático, postula reconhecimento, tolerância, respeito aos direitos humanos universais, tornando, pois, o antes indesejado, em agora desejado.

Os textos deste dossiê sublinham, de um modo ou de outro, armadilhas discursivas em que a política educacional convida o considerado diferente a entrar no sistema de ensino, como o que reclama pertença como o outro que procura o endereço e bate à porta a procura de receber guarida. Esse outro que precisa se anunciar ante a soleira da porta, o que tem ou não tem pertença, um outro, que é anunciado aos de casa como a inscrição do que está do lado de fora – o fracassado, o marginalizado, o discriminado, o sem direito. A reconstrução, desconstrução, construção analítica dessa semelhança-diferença torna possível visibilizar a discussão em torno da educação que mobiliza a diferença quer seja concebida como deslocamento quer seja pensada como diversidade.

A despeito das diferenças conceituais, este dossiê, trata de anunciar ou denunciar um telos que continua fortemente atravessado nas políticas educacionais da nossa época. Por isso, trata-se de transitar no terreno indefinido, porque não dizer nesse terreno movediço, das discussões aqui fomentadas como provocação e convite produzido pelas múltiplas significações em torno de educação e diferença. Tais significações apontam para o sistema educacional como um traçado, ainda que impreciso, circunscrito tanto pelas reivindicações que pontuam as demandas da sociedade civil organizada, quanto pelas exigências dos governos e dos organismos nacionais e internacionais.

Esse processo tem considerado as narrativas em torno da desigualdade socioeducativas e socioeconômicas, debates coloniais e pós-coloniais, interculturais, decoloniais, pós-estruturais e queer. Dito isto, os artigos nos possibilitam nos remeter a pergunta de Scott. todos iguais ou todos diferentes? A junção desses termos faz com que pensem em termos de polarização dos debates atuais sobre igualdade e diferença, direitos individuais e identidades de grupos; mais ainda, coloca-se o paradoxo em torno do que Scott apresenta como dilema da diferença.

Nessa perspectiva, a ação afirmativa aparece aqui como tônica que nas últimas décadas, pode ser vista como um dos exemplos de polarização pela preferência que faz a grupos, o que tem sofrido resistência e, por vezes, não estar imune de pender mais para um lado (afirmação) ou mais para outro (resistência). Na expressão laclauiana, poderíamos dizer que tem implicado numa constante disputa discursiva, uma tensão insolúvel, uma separação irreconciliável entre universal e particular (LACLAU, 2011; 2013). Ou ainda para um discurso que tem em vista o que Rancière (2002) vê como um modelo preso à redução das desigualdades presentes em nome de uma igualdade futura.

Sobre padrões que igualam, é pertinente recorreremos, a partir da leitura dos diversos textos, ao que Popkewitz (2013) e Veiga-Neto (2011) argumentam, valendo-se da utilização da psicologia no Estado Moderno liberal, reconfigurada no Estado neoliberal. O primeiro autor fala de uma marca que tipifica e classifica; e o segundo autor, discute sobre um padrão almejado pela fabricação de tipos humanos. Julgo que essa lógica tem como disparador o fato de o sujeito pós-moderno assumir identidades diferentes e, por efeito, reivindicar espaços, voz e representatividade. Entretanto, ao passo que tal sujeito não deixa de mostrar que não cabem mais representações universalistas de um sujeito unitário (o branco, o cigano, o urbano etc.), para o qual era desenhado um modelo, um padrão, um ideal que se estendia aos demais sujeitos; reivindica, também, políticas focais, diferencialistas para grupos específicos, embora o modelo de ação não deixe de ser desenhado pelo mesmo compasso que há muito desenhava as políticas universalistas do estado moderno.

Entretanto, se por um lado, as discussões aqui empreendidas, possibilita pensar o outro universal que acha guarida na diferença entre iguais, a saber, um entre que, sob a lógica do pensamento crítico, concebe a diferença como diversidade, posto que surge a partir da comparação de diferentes pré-existentes e que depende de uma identidade possuída por sujeitos de diferentes grupos; por outro lado, é possível pensar o outro da diferença em si, ou seja, como relação apenas no movimento, no jogo, sem que seja necessário fixá-la numa distinção para que assim ela exista. E, se a noção de diversidade remete à política da diferença e aos marcos da universalidade de direitos que pode se basear no princípio de que todos têm o direito de serem igualmente diferentes por meio de seu reconhecimento; de outro modo, a diferença como diferencialidade ou a diferença em si, movimenta elementos dispersos em que as diferenças são efeitos pelos quais se formaliza uma ética política que denuncia certo telos regulador e definidor de uma política educacional de igualdade.

A cerca disso, em um momento que se vive e se produz e/ou é produzido em cenários politicamente conservadores é pertinente relançar mediante a leitura desse trabalho, as perguntas de Skliar (2002) acerca do Outro, a saber: se trata, por acaso, de um outro que volta, que nunca

esteve aqui? Ou, pelo contrário, se trata, talvez, de um eu que, simplesmente, se dispõe a hospedar e/ou se inquieta pela própria estética da sua hospedagem? Se para ele essas perguntas traçam a linha divisória nos discursos educativos de hoje, os textos desse dossiê é um convite que nos faz perguntar quem é esse outro da diferença que se inscreve em contextos diversos com políticas e culturas diversas. Penso que esse outro possa ser ou pelo menos tem tentado ser um elemento de sutura quer seja para afirmar as diferenças como valor positivo, quer seja para nos afastarmos do fantasma das falências de políticas que garantam direitos. Ou pelo menos, acender a esperança de espaços que não ameacem uma pluralidade de lutas em busca de uma educação que nos animem a (re)sistir e (re)existir.

De uma perspectiva crítica e/ou desconstrucionista, a reunião de artigos de vários pesquisadores brasileiros e estrangeiros neste dossiê, fala-nos de como o discurso da diferença tem se tornado popular e tem tido efeito nas políticas de formação de professores, em pesquisas e textos curriculares que reiteram ou questionam o que tem sido pensado como educação aqui ali e alhures.

Profa. Dra. Claudia Tomé

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.
Grupo de Pesquisa em Ensino, Literatura e Linguagem (GELIN -UERN).
Grupo de Pesquisa Formação, Currículo e Ensino (FORMACE-UERN).
E-mail: claudiapatu@hotmail.com; claudiatome@uern.br.
ORCID ID - <https://orcid.org/0000-0002-4508-2754>

REFERÊNCIAS

LACLAU, E. Emancipação e diferença. Rio de Janeiro: Ed/UERJ, 2011.

LACLAU, E. A razão populista. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

THOMAS, S. Números em grades de inteligibilidade: dando sentido a verdade educacional. In: TURA, Maria de Lourdes Rangel e GARCIA, Maria Manuela Alves (Orgs.). Currículo. Política e ação docente. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

RANCIÈRE, J. O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lillian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SKLIAR, C. É um outro que retorna ou é um eu que hospeda? Notas sobre a pergunta obstinada pelas diferenças em educação. Trabalho apresentado na 25ª reunião anual da ANPED. Caxambu, Minas Gerais, 2002. (Expositor da sessão especial. A questão da diferença na Educação). In: Reunião Anual da ANPED, 25, 2002, Caxambú. Anais... Caxambú: ANPEd, 2002.

VEIGA-NETO, A. Incluir para excluir. In: LARROSA, J & SKLIAR, C. Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Tradução de Samiramis Gorini de Veiga. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2011.